

Ideias que moveram seu tempo

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 4 de dezembro de 2011

Acabo de receber a notícia da morte de Guillermo O’Donnell aos 75 anos. Perco um amigo da minha geração, e todos perdemos o mais importante pesquisador e teórico da democracia da América Latina. Conheço Guillermo desde os anos 1970, quando lutávamos pela democracia nos nossos países. Mas o primeiro grande trabalho seu que li foi sobre as alianças de classe na Argentina, foi sobre o conflito entre duas visões e propostas para o nosso desenvolvimento: o pacto desenvolvimentista associando empresários industriais, burocracia pública e trabalhadores, contra o pacto liberal unindo a grande agricultura e pecuária exportadora (“el campo” na Argentina), o grande capital aplicado no setor financeiro, na infraestrutura e na indústria monopolista de bens básicos, e os interesses estrangeiros. Fazia, então, a análise e a crítica deste pacto colonialista que Getúlio Vargas venceu no Brasil, mas que os argentinos jamais lograram derrotar, e, por isso, o desenvolvimento econômico do Brasil desde os anos 1930 foi muito maior do que o da Argentina.

Ainda nos anos 1970, como pesquisador do CEDES, Guillermo desenvolveu a ideia do “Estado burocrático-autoritário” – um conceito que se tornou paradigmático na América Latina. Ele explicou a lógica dos regimes militares como uma consequência do “aprofundamento do capital” que estava ocorrendo na região depois que a substituição de importações de bens manufaturados de consumo se esgotara e se tornava necessário investir em grandes empresas capital-intensivas. Não era essa a minha interpretação, porque para mim esses regimes situaram-se no quadro da Guerra Fria, e decorreram da reação das classes dominantes à radicalização política provocada pela Revolução Cubana,

mas os trabalhos de Guillermo abriram caminho para a crítica do autoritarismo que então foi tão importante para as nações latino-americanas.

No início dos anos 1980 Guillermo deixou de lado o tema do autoritarismo e voltou-se para as transições democráticas. Associado a Philippe Schmitter e Laurence Whitehead, lideraram um grande projeto de pesquisa sobre essas transições que então estavam ocorrendo. Ao invés de explicar as transições como consequência da luta popular e da adesão da burguesia industrial a essa luta quando perdeu o medo do comunismo, defendeu a ideia que se tornaria dominante na América Latina que a transição democrática decorreu da vitória dos militares “soft liners” sobre os “linha dura”.

Depois da redemocratização da Argentina, do Brasil e do Chile, voltou-se para o problema da qualidade da democracia. Não bastava uma democracia mínima, a liberdade de palavra e de associação e o sufrágio universal; era preciso que o Estado democrático se tornasse cada vez mais democrático, que deixasse de ser apenas uma “democracia delegativa” nas quais todo o poder se concentra no chefe do governo. Para isto não bastava que se avançasse na defesa dos direitos sociais e se aumentasse a responsabilização dos políticos; era necessário também avançar na proteção dos direitos civis – do direito à vida, à liberdade, à propriedade e ao respeito – que nas democracias de elite ou schumpeterianas são assegurados aos ricos, não aos pobres. Liderou então um segundo grande projeto de pesquisa sobre melhoria da qualidade de democracia na América Latina realizado sob os auspícios das Nações Unidas.

Guillermo O’Donnell foi um grande intelectual do seu tempo. Um tempo que ele viveu com paixão e indignação. Às vezes era difícil entender seu espanhol, porque sua fala não era muito nítida, mas, em compensação, sua retórica ao apresentar seus trabalhos era maravilhosa, e facilmente empolgava uma plateia de intelectuais e estudantes. Durante um certo período de sua vida viveu em São Paulo e foi pesquisador do Cebrap; assim, quase se tornou um brasileiro, mas a Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, nos venceu. Entretanto, antes de mais nada ele era um argentino, um portenho, e voltou para a Argentina há alguns anos. Em seu país ele poderia ter sido um grande político – não lhe

faltaram convites e oportunidades na sua juventude e maturidade – mas preferiu se dedicar às ideias, porque acreditava que elas são poderosas, que movem o mundo. As suas certamente moveram.